

SUBJETIVIDADE NA MATERNIDADE: UM ESTUDO COM PUÉRPERAS DE SETE LAGOAS – MG

Kellen Fernandes Andrade Barbosa¹

Flávia Carvalho Barbosa²

RESUMO

A presente pesquisa pretendeu compreender como ocorre o processo subjetivo na maternidade, durante o período do puerpério. Em busca de identificar fatores relacionados à pressão que as mulheres sofrem com a maternidade na contemporaneidade e quais fatores são mais estressores para as mesmas questionou-se: de quais formas a subjetividade da mulher é afetada diante da vivência da maternidade real e dos conflitos que esse desafio traz. O estudo também tem como objetivo identificar quais fatores podem influenciar na vinculação da maternidade com a premissa de que a mulher só se torna completa com a maternidade e de como se dá a construção do amor materno. Com a finalidade de obter as opiniões dessas mulheres sobre a maternidade, visando identificar as possíveis interferências sociais e emocionais ocorridas nessa fase que provoquem mudanças subjetivas na mulher e ainda, buscando estudar a subjetividade que emerge na vivência da maternidade na mulher e quais as implicações subjetivas do ser-mãe, realizou-se uma pesquisa de campo exploratória, descritiva e qualitativa. Os dados foram levantados a partir de entrevistas semiestruturadas com 9 (nove) mulheres com idades entre 18 e 45 anos. Como resultados a pesquisa aponta que, apesar de estarmos no séc. XXI a mulher contemporânea ainda sofre com as cobranças sociais, e que cada uma vive e interpreta a subjetividade trazida pela maternidade de formas diferentes, inclusive com relação à romantização da mesma. A pesquisa também apontou que sobre a mulher recaem mais cobranças devido a soma de novas responsabilidades incorporadas com a função materna.

Palavras-chave: Maternidade. Subjetividade. Puerpério.

ABSTRACT

The present research intended to understand how the subjective process occurs in the motherhood, during the puerperium period. In order to identify factors related to the pressure women suffer with motherhood in contemporary times and which factors are more stressful for them, it was questioned in what ways the woman's subjectivity is affected against the real motherhood experience and the conflicts this challenge brings. The study also aims to identify which factors can influence the motherhood connection with the premise woman only becomes complete with motherhood and how takes place the maternal love construction. In order to obtain the opinions of these women on motherhood, aiming to identify the possible social and emotional interferences occurred in this phase which provoke subjective changes in the woman and also seeking to study the emergent subjectivity in the experienced motherhood in the woman and the subjective implications of being a mother, it was carried out descriptive and qualitative exploratory field research. The data were collected from semi-structured interviews with 9 (nine) women aged between 18 and 45 years old. As results, the research points out, although we are in the 21st century, the contemporary woman still suffers from social demands, and each one lives and interprets the subjectivity brought by motherhood in different ways, including in relation to its romanticization. The research also pointed out more charges are placed on woman due to the new responsibilities sum incorporated with the maternal function.

Keywords: Motherhood. Subjectivity. Puerperium

¹ Graduada em Psicologia na Faculdade Ciências da Vida. *E-mail:* kellenfernandesbarbosa@gmail.com

² Currículo da orientadora.: Psicóloga, mestre em gestão de políticas sociais, docente no curso de Psicologia da Faculdade Ciências da Vida. *E-mail:* flacaba@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Na percepção de Badinter (1985), a decisão de ter um filho se revela como algo muito complexo, já que é uma decisão que envolve aspectos psicológicos e sociais indissociáveis para a mulher, uma vez que, aos olhos da sociedade, a futura mãe deveria focar toda a sua atenção no gestar, dar à luz e criar o seu filho, evidenciando assim o amor maternal. Porém, na sua condição de mulher, ela irá acumular outras tantas responsabilidades. Esse amor maternal, até certo ponto exclusivista, não se manifesta em todas as mulheres de forma igual. Enquanto umas têm esse amor afluído, outras já não o manifestam ou precisam trabalhá-lo em suas emoções e pensamentos para vivenciá-lo. Essas diferenças podem se originar por diversos fatores, a serem levantados para se entender a maternidade e a mulher (BADINTER, 1985).

Após o parto, a mãe vira o foco das atenções e cobranças sociais e, normalmente, se esquece da mulher e das suas necessidades. Neste contexto, a mulher ao entrar em contato com a realidade da maternidade e de suas demandas práticas e subjetivas, que são diferentes da projeção romantizada construída através da mídia e da cultura, pode vir a enfrentar sentimentos de angústia, medo, receio, entre outros, que tornam a maternidade uma experiência singular e paradoxal, na qual a mulher pode se tornar mais propensa a desenvolver um transtorno depressivo (SILVA; ARANHA, 2020).

Assim, ao propor compreender a subjetividade na maternidade, este artigo se justifica, pois pode auxiliar na compreensão do sofrimento da mulher na fase puerperal, uma vez que esse período se caracteriza por uma explosão de sentimentos e emoções, além da sobrecarga dos hormônios que estão mais atuantes devido à gestação e o parto. É relevante para que, ao se conhecer os fatores que afetam essa subjetividade, tanto as mulheres, quanto sua família e os profissionais que lidam com elas, possam entender o processo do puerpério e suas singularidades, bem como as suas consequências emocionais, auxiliando assim em uma intervenção mais assertiva.

Os estudos apontam uma lacuna entre o que é estudado sobre a maternidade nos aspectos biológicos e a maternidade psicológica e o que pode ser feito como medida preventiva no transtorno depressivo pós-parto. Assim, a presente pesquisa tem como questão norteadora: de quais formas a subjetividade da mulher é afetada diante da vivência da maternidade real e dos conflitos com o mito do amor materno? Este trabalho parte do pressuposto de que a subjetividade da mulher se forma através dos medos e incertezas que a maternidade traz, e também que este período do puerpério é o momento no qual a

autoconfiança da mulher se encontra em crise, pois tornar-se mãe exige uma reorganização de todos os papéis que integram o conhecimento da mulher.

Este artigo buscou, de forma geral, compreender como se dá o processo subjetivo da mulher que emerge na vivência da maternidade real e o mito do amor materno. Os objetivos específicos foram: identificar as concepções sobre a subjetividade na maternidade para a psicologia; contextualizar a maternidade sob aspectos históricos; e identificar as possíveis interferências sociais na relação entre a mulher, a maternidade e a depressão pós-parto. Como metodologia, realizou-se uma pesquisa de campo a partir de uma pesquisa descritiva, exploratória e qualitativa, na qual a coleta de dados foi feita através de entrevistas semiestruturadas com 9 (nove) mulheres com idade entre 18 a 45 anos, que estavam vivenciando o puerpério, período que se estende de 45 a 60 dias, porém em mulheres que amamentam por um longo tempo, o puerpério pode durar um pouco mais. A análise de dados foi realizada conforme análise de conteúdo proposta por Bardin (2011).

Através da análise de conteúdo realizada e pelos sentimentos de incômodos relatados por algumas mulheres, entende-se que é indispensável repensar sobre a maternidade e a não maternidade, uma vez que, ser mãe, segundo relatos de algumas mulheres entrevistadas, não é tão belo quanto parece, tem seus pontos negativos, tais como medo do parto, responsabilidade com a criança, mudanças corporais, entre outras, sendo possível uma desromantização da maternidade como algo importante para a mulher, o que mostra ser fundamental e mais saudável que a escolha seja construída de forma individual e livre de pressões socioculturais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 AS CONCEPÇÕES SOBRE A SUBJETIVIDADE NA MATERNIDADE PARA A PSICOLOGIA.

É importante esclarecer que a maternidade não se determina apenas pela geração de um ser. Junto a ela, vem a responsabilidade pela formação integral desse ser e seu preparo para a vida. Logo, muitas vezes, questionamentos relacionados à capacidade de conseguir criar, cuidar, educar, dar formação moral e religiosa e repassar valores sociais para a criança causam inquietude na mulher (BADINTER, 1985). Na visão de Badinter, a maternidade gera angústia e cada mulher deve ser compreendida como um ser particular, que pode precisar de apoio emocional qualificado, para compreender o que ela vivencia e sente durante a maternidade.

No conceito ideal de maternidade, não se concebe nenhuma relação entre a mãe e o bebê que não seja de amor e afeto. No entanto, a experiência real trazida pela maternidade mostra que, na prática, sentimentos muito distintos do esperado surgem e contrastam com o conceito cultural de perfeição nesta relação. É dentro deste contraste entre o ideal e o real que a mãe recém-nascida se depara com a angústia da subjetividade de seus sentimentos (SCHNEIDER, 2020).

A cobrança pela sociedade da mãe perfeita faz com que um momento de suposta alegria, torne-se um cenário de tristeza, que traz a sensação de culpa e incapacidade, pois a mulher não pode sentir raiva, medo, impaciência ou mesmo arrependimento em uma cultura de “endeusamento” da mãe. A mulher se perde, por não atender à expectativa de perfeição ditada pela cultura do mito do amor materno, que vem desde os primórdios da civilização. (NADER, 2016).

A maternidade expõe a intimidade da personalidade da mulher de forma avassaladora. O pós-parto é um período gerador de muitos conflitos em que vários sentimentos se misturam, indo de um extremo ao outro, ou seja, da alegria à frustração. Em meio a estes sentimentos, a mulher passa por mudanças profundas, a iniciar pela perda da autonomia, se relegando a um segundo plano em favor do filho e de suas responsabilidades domésticas, tudo isso associado aos vários papéis que desempenham na sociedade (SOARES; RODRIGUES L; GUIMARÃES, 2018).

Gutman (2019) desenvolveu uma teoria para explicar os sentimentos de angústia e culpa que muitas mães sentem ao ter filhos: “são reflexos do que se passa no inconsciente materno”. Ela defende que as mães encarem esses momentos como oportunidade de autoconhecimento e que as mães recém-nascidas são surpreendidas por sentimentos e emoções sombrias que se refletem nos bebês. Ela diz da fusão-emocional que mãe e filho têm e que, por isso, compartilham o mesmo território “emocional”. Aborda que tudo o que aconteceu com a mãe no passado, principalmente o que esta não tem consciência, mas que de alguma maneira “opera” em si, provavelmente será manifestado na criança porque está emocionalmente disponível. Defende também que a criança dá o sinal do que acontece com a mãe, embora essas questões não sejam conscientes para ela (GUTMAN, 2019).

A realidade emocional da mãe é baseada na infância, que pode ter sido muito mais desamparada e sofrida do que ela se lembra e que, ao longo da vida, precisou adquirir mecanismos de sobrevivência para evitar o sofrimento. Por esta razão, a conexão emocional entre a mãe e o bebê, provoca na mãe o ressurgimento de sentimentos e experiências vividas na infância em relação a dores e necessidades não supridas, pois a maior dificuldade da mãe é

entrar em contato consigo mesma, por isso, é difícil ficar com a criança (SOUZA; SOUZA; RODRIGUES, 2013).

Historicamente, a maternidade é tida como um conceito, um símbolo, cujo significado e valor equivaliam à condição social, econômica e política. Sendo assim, o valor dado à maternidade, à relação entre mãe e bebê e ao amor materno, não foi sempre o mesmo, mas se adaptou à realidade de cada meio social, de acordo com cada época e, na cultura atual (SILVA; ARANHA, 2020).

Na maioria das vezes, as pressões pela responsabilidade do cuidado com o bebê e a necessidade de cuidar de si mesma fazem com que o cansaço, a fadiga, a exaustão, a solidão e a culpa se tornem fardos. Ao mesmo tempo em que se sente incapaz pela falta de um olhar mais atento dos outros por ela, a mulher também se sente uma mãe egoísta por pensar em si e não no bebê, pois o conceito social enraizado da maternidade a faz se sentir assim (LAUXEM; QUADRADO, 2018).

A mãe recém-nascida não percebe ou, muitas vezes, desconhece que é perfeitamente normal que o amor maternal não nasça juntamente com o bebê. Nem sempre esse sentimento será avassalador e imediato. É compreensível que venham os momentos de lágrimas e até mesmo de arrependimento. O fato de sentir falta da sua independência, da sua flexibilidade, da sua liberdade não a torna necessariamente uma mãe ingrata. A mãe descobre que o início da amamentação dói, sangra, exige força, paciência e perseverança. É preciso ter a consciência de que pedir ajuda não causa nenhum demérito, não a desqualifica como mãe. É preciso vencer esta barreira conceitual, pedir e aceitar a ajuda familiar e dos amigos. Neste momento, a compreensão e a colaboração do companheiro e de familiares são fundamentais para superar as dificuldades da mãe recém-nascida (VILARINHO, 2019).

2.2 CONTEXTUALIZAÇÕES DA MATERNIDADE SOB OS ASPECTOS HISTÓRICOS E O MITO DO AMOR MATERNO

A concepção do amor materno está associada a sentimentos, experiências e situações sempre positivas e vistas como naturais à condição de se tornar mãe. É muito comum que se trate o evento como uma benção da natureza ou divina. Contudo, conforme aponta Moreira (2009), é comum que haja um conflito produzido pelo confronto das circunstâncias sociais nas quais a maternagem surge e os discursos conceituais sobre o ato de ser mãe daquele mesmo momento histórico. Durante a idade média, a maternidade não era atribuída à mulher de forma afetiva. A função do cuidado com os filhos era destinada às camponesas, o que

incluía como atividade até mesmo a amamentação. No iluminismo, além de destinarem às mulheres as funções de esposa e mãe, elas eram também consideradas inferiores em termos de intelectualidade e sexualidade, o que foi, por muito tempo, utilizado para justificar a não consideração das mulheres como cidadãs (NOGUEIRA, 2001).

Conforme Poster (1979), o sentimento de amor maternal se tornou um conceito intrínseco às mulheres das famílias burguesas. Tais mulheres tinham a missão não apenas de cuidar para que seus filhos e filhas tivessem uma vida saudável e segura, mas de educá-los para assumirem papéis de responsabilidade nas instituições da sociedade.

Atribui-se ao final do século XVIII, o surgimento do conceito de amor materno. Neste momento, foi a primeira vez que se fez associação entre as duas palavras: amor e materno. Esta nova conceituação resultou na valorização do sentimento e da mulher como mãe. A partir da década de 1770, a sociedade passou a impor sobre a mulher a obrigação da maternidade acima de todas as outras questões. Nasceu também, naquele momento, o mito do amor maternal como um sentimento natural e espontâneo da mãe pelo filho (BADINTER, 1985). Badinter (1985) atribui o nascimento deste novo conceito como uma estratégia do Estado para redução das elevadas taxas de mortalidade infantil, numa época em que a Europa passava por uma forte crise econômica e a perspectiva da força operária estava diretamente associada à manutenção da população de crianças. Ela destaca o registro de 3 discursos à população adulta, destinados aos homens, ao casal e às mulheres, para orientar a importância das boas práticas em relação a seus filhos.

Aos homens que tinham instrução, foi dirigido um discurso econômico, o qual destacava a importância do futuro populacional de seu país. Badinter (1985) registra que a criança passou a ser valorizada com um potencial produtivo e se tornou um símbolo da riqueza econômica do país. Ao casal, foi dirigido um discurso baseado na filosofia rousseauiana e na ideologia da natalidade, o qual tratava a criança como elemento indispensável e insubstituível para a família e para o país. O Estado dirigiu então, um discurso exclusivo às mulheres, no qual as elevou a um posto de responsáveis pelo futuro da nação. O discurso procurou valorizá-las como indispensáveis à vida social, mas também procurou conscientizá-las de suas responsabilidades maternas. Surgia ali um novo conceito de mãe, o qual se intensificou desde então, gradualmente e ininterruptamente, ao longo dos anos até os dias atuais (ROSSEAU, 2003).

Desta forma, a partir do final do século XVIII, surge a imagem de mãe idealizada, bem como a dos bebês, vistos de maneira agradável e deliciosa. As mulheres foram elevadas ao posto de eixo da família, cuja responsabilidade principal girava em torno da criação e

educação dos filhos. “A devoção e presença vigilantes da mãe surgiram como valores essenciais, sem os quais os cuidados necessários à preservação da criança não poderiam mais se dar” (MOREIRA, 2009, p. 23).

No início do século XIX, a mulher assumiu uma postura de sacrifício em nome da família, como responsável por manter a estrutura da sociedade, e os bebês e crianças passaram a ter a exclusividade da atenção da mãe, a qual se dedicava a lhes proporcionar uma vida segura e um futuro melhor (BADINTER, 1985). Segundo Badinter (1985), a pressão da sociedade foi tão forte que, mesmo as mulheres que não desejavam ser mães, se submeteram à ideologia firmada. Este fato trouxe a muitas mães o sentimento de frustração, uma vez que as responsabilidades da maternidade sufocavam as possibilidades de exercerem outras atividades, já que a sociedade entendia que não havia nada mais importante e que pudesse trazer mais realização e felicidade do que a maternidade, afinal, ali repousava a completude da natureza feminina. Estabelecendo assim, o mito do amor materno (BADINTER, 1985).

2.3 POSSÍVEIS INTERFERÊNCIAS SOCIAIS NA RELAÇÃO ENTRE A MULHER, MATERNIDADE E A DEPRESSÃO PÓS-PARTO OU BABY BLUES

Souza, Souza e Rodrigues (2013) apresentam um estudo sobre o assunto no qual destaca que o pós-parto é um período de confusão de sentimentos extremos, ou seja, do riso ao choro, da alegria à frustração, da sensação de sucesso ao sentimento de total incapacidade. Além de estar imersa nestes sentimentos, a mulher passa por mudanças profundas, iniciando pela perda da autonomia, se relegando a um segundo plano em favor do filho e de suas responsabilidades domésticas, tudo isso associado aos vários papéis que ainda venham a desempenhar na sociedade.

Outra fonte das oscilações emocionais que deve ser considerada é a questão hormonal. Os hormônios da maternidade, como a prolactina e a ocitocina são importantes no período puerperal. A alteração destes hormônios faz com que a mulher passe por um período de redução da libido, amenorréia lactacional e redução da capacidade ovulatória, além de causarem um descontrole emocional e, em muitos casos, transtorno depressivos são prematuramente diagnosticados (STRAPASSON; NENDEL, 2010).

Um transtorno que pode ocorrer neste período é o *Baby Blues*. Este é provocado por uma descarga hormonal que ocorre no nascimento do bebê. O termo “*Blues*”, neste contexto, remete à tristeza. Este efeito atinge 80% das mães e pode acontecer nos primeiros 15 dias depois do parto e é comum durar até 15 dias. Com apoio e paciência, a mulher vai se sentindo

melhor e deixando a melancolia. É uma fase de reconhecimento mútuo entre a mãe e o bebê. O diagnóstico do efeito *Baby Blues* pode se confundir com a depressão pós-parto porque ambos apresentam melancolia, cansaço, choro, insegurança, porém, mesmo com toda esta pressão, a mãe consegue fazer o que precisa e consegue cuidar do bebê. Os sintomas do *Baby Blues* são sentidos mais intensamente ao final do dia e é um problema que acomete mães que já tinham algum antecedente como: trauma, dificuldade gestacional, perdas, luto ou separações, vividos antes ou durante a gestação (VILARINHO, 2019).

Já a depressão pode ocorrer de diversas formas e intensidades, podendo passar de estágios de depressão leve, moderada a severa ou também conhecida como depressão maior ou profunda (BRUM, 2017). Na depressão pós-parto, a mãe evita estabelecer vínculo com o bebê, e sente muita tristeza. Em alguns casos, a mãe estabelece uma relação de superproteção com o bebê e não deixa ninguém ajudar. Em ambas as situações, a intensidade dos sintomas é muito mais forte que no *Blues*. A depressão pós-parto, geralmente, ocorre com mulheres que já tiveram alguma doença psiquiátrica ou trauma em algum momento no passado. Na maioria dos casos, a depressão começa já na gravidez e se torna mais acentuada com a chegada do bebê (GUTMAN, 2019).

Mulheres com depressão pós-parto têm a sensação de que vão enlouquecer, sentem como se não tivessem mais identidade própria, ou como se perdessem todas as suas referências e sentem vontade de chorar a todo o momento. Os ruídos são extremamente irritantes, tudo incomoda, ainda se sentem como incapazes de ter um raciocínio lógico e por isso não têm condições de tomar decisões cotidianas. Elas vivem como se estivessem num mundo paralelo, “o mundo-bebê” e é preciso que elas vivam este mundo paralelo, porque é a fusão emocional da mãe com seu bebê que dá a elas condição de minimamente se equilibrar emocionalmente para garantir que o bebê sobreviva. Esta fusão se dá entre a mãe e o bebê e dura, na grande maioria dos casos, pelos primeiros nove meses de vida do bebê, principalmente pelo fato dele depender exclusivamente da mãe para absolutamente tudo (GUTMAN, 2019).

O fato das mães não se atentarem para as mudanças subjetivas advindas com o pós-parto e, inconscientemente anularem o seu lado mulher, pode acarretar em prejuízos físicos e psíquicos para essa mãe recém-nascida (MARTINS; CARVALHO, 2017). A chegada do bebê cria um turbilhão de emoções na vida da mulher e, embora seja um momento único, os fatores hormonais da mulher estão se reorganizando, os cuidados com o bebê, as mudanças de rotina, noites mal dormidas são comuns no puerpério, o que leva as mães a sentirem irritação, alterações de humor, ansiedade, choro e mudanças de apetite (BERLINCK, 2014).

Assim, a mãe puérpera precisa de ajuda. As alegrias de ter um bebê no colo e a realização da maternidade encontram sazonalidade no cansaço, no desânimo, na insegurança, no medo da responsabilidade, que geram instabilidade emocional. Está tudo certo, correu tudo bem na gravidez, o parto foi tranquilo, o bebê é saudável, lindo, o quarto, o berço, as roupinhas, mas a mãe chora. Chora de dia e de noite, no banho. Ela não consegue explicar, não está triste, mas também não se sente feliz. Há um incômodo, um vazio, uma perda de identidade e, apesar de tentar entender o que aconteceu, ela não consegue. Mesmo assim, ela segue lutando contra aquele vazio inexplicável, sabendo que tem uma missão que não pode atribuir a ninguém: precisa cuidar do bebê (VILARINHO, 2019).

Este sentimento de inquietude e angústia demanda de um apoio emocional especializado, deve ser considerado como particular a cada mãe e requer ajuda qualificada para compreender o que sente durante e após a maternidade (BADINTER, 1985). Sendo assim, independentemente do sintoma ou do diagnóstico, seja depressão pós-parto, *Baby Blues* ou nenhum dos dois, independentemente da condição social da mãe, se casada ou solteira, se experiente ou mãe de primeira viagem, cada uma a cada gravidez terá uma experiência nova e única e cabe à psicologia a missão de ajudá-las a entender e passar por aquele momento de forma plena e saudável (VILARINHO, 2019).

3 METODOLOGIA

Inicialmente, para o aporte teórico deste artigo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica que, conforme esclarece Boccato (2006), busca a resolução de um problema por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo várias contribuições científicas. Na busca pelos referenciais foram utilizadas as seguintes palavras-chave: maternidade, subjetividade e influências socioculturais. Serviram de base, artigos científicos, e livros. Segundo Gil, (2002) o objetivo desse tipo de pesquisa é utilizado para observações ou análise históricas, na qual seus resultados fornecem geralmente dados qualitativos.

Como procedimento metodológico adotado para a realização desse estudo, optou-se pela pesquisa de campo, de natureza exploratória e descritiva, utilizando-se do método indutivo. Esta pesquisa é classificada como uma pesquisa descritiva, que segundo Gil (2002), é bastante flexível, de modo que possibilite a análise dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado, por descrever as diferentes formas de se ver a maternidade, perpassando pelo contexto histórico. Para Prodanov (2013), a pesquisa de campo parte do levantamento

bibliográfico, com coleta de dados mais apropriada à natureza do tema (MARCONI; LAKATOS, 2010).

Para compreender a subjetividade que emerge na maternidade foi realizada a coleta de dados, que aconteceu por meio de uma entrevista individual, com a participação voluntária de 9 (nove) mulheres. O critério de inclusão se deu pela condição de serem mães que estão no puerpério, e terem, no mínimo, 18 anos. O critério de exclusão foi já terem passado desse período. Quanto aos fins, trata-se de um estudo qualitativo, discorrendo sobre a diversidade das construções maternas, desta forma, é possível ter liberdade para abordar outros assuntos, conforme vão surgindo no decorrer da entrevista, pois as questões são ponto de partida como diretriz da pesquisa, segundo Gilbert (1980).

As mulheres participantes foram selecionadas por acessibilidade. No convite a foram apresentados o tema, os objetivos gerais e os aspectos éticos fundamentais nas entrevistas, a necessidade da assinatura do Termo de consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual foram informadas que todos os relatos adquiridos ao longo das entrevistas estão sob garantia de sigilo e do anonimato, além de reafirmar que a participação é voluntária, não gerando nenhum custo às participantes. As entrevistas ocorreram de forma individual, tendo como base um roteiro semi-estruturado, com duração de aproximadamente 40 minutos. Através do aplicativo Zoom, elas foram gravadas e transcritas integralmente pela pesquisadora.

A análise de dados foi realizada conforme a análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), que são técnicas com procedimentos sistemáticos para fazer o levantamento de dados (qualitativos ou não) que permitem a conclusão de resultados. Na pré-análise foi realizado o levantamento de dados colhidos, na fase de exploração do material foram lidas as entrevistas de modo a identificar as similaridades nas respostas e na fase final foi feita interpretação de dados (BARDIN, 2011). Após a interpretação dos dados foram feitas categorizações que buscaram demonstrar os resultados de forma clara. As categorias encontradas foram: o sentido de ser mulher na maternidade, a diferença entre o sonhado e a realidade e as emoções e sentimentos que emergem na vivência da maternidade.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da pesquisa nove mulheres, com idade entre 19 e 41 anos, de profissões variadas. Cinco são casadas, duas possuem união estável e duas solteiras. O grau de formação variou de superior incompleto à pós-graduação. O número de filhos variou de um a três. E apenas três delas quiseram ser mãe. Seis não planejaram a maternidade nesse

momento, apenas uma se mostrou insatisfeita com o fato de ser mãe. Conforme apresentado no quadro abaixo.

Quadro 1: Identificação da amostra

| Nome Fictício | Tipo de Parto | Estado Civil | Idade | Escolaridade | Profissão | Filhos | Maternidade |
|----------------------|----------------------|---------------------|--------------|--------------------------|------------------------|---------------|--------------------|
| 1 | Normal | União estável | 41 | Pós-graduada | Analista de Comércio | 3 | Não foi planejada |
| 2 | Normal | casada | 32 | Graduada | Psicóloga | 3 | Não foi planejada |
| 3 | Cesárea | União estável | 40 | Mestrado | Analista de sistema | 1 | Não foi planejada |
| 4 | Normal | Casada | 33 | Graduada | Psicóloga | 1 | Foi planejada |
| 5 | Normal | Solteira | 19 | Cursando ensino superior | Estudante | 1 | Não foi planejada |
| 6 | Normal | Solteira | 24 | Cursando ensino superior | Estudante | 1 | Não foi planejada |
| 7 | Cesárea | Casada | 33 | Graduada | Supervisora financeira | 1 | Planejada |
| 8 | Cesárea | Casada | 41 | Superior incompleto | Recepcionista | 1 | Não planejada |
| 9 | Cesárea | Casada | 29 | Graduada | Engenheira Mecânica | 1 | Planejada |

Fonte: Dados da pesquisa

4.1 O SENTIDO DE SER MULHER NA MATERNIDADE

Embora culturalmente a questão da maternidade seja apresentada como algo divino, percebe-se que não há um padrão para a mesma. Cada mulher desenvolve um modo próprio de lidar com a gestação, parto e puerpério uma vez que cada uma vai experimentar e significar esse momento de forma singular e subjetiva. A maternidade, processo dado como natural e próprio da mulher pela sociedade, é repensado aqui como uma construção de afeto e amor que, conforme demonstrado por Miranda (2020) e Badinter (1986), esse amor materno não é algo natural ou determinado e sim adquirido e, como os demais tipos de relação afetiva, necessitam que sejam construídos no cotidiano e nas relações entre mãe e filho (MARTINS, CARVALHO, 2017; BADINTER, 1986).

Assim, ao se discutir acerca das transformações decorrentes da maternidade, as participantes foram unânimes de que esta representa uma transformação radical de sua realidade desde o início da gestação, pois, para elas, o instinto de amor materno é o amor que

a mãe começa a desenvolver desde a notícia da maternidade, e este instinto representa o seu dever de proteger e cuidar do filho, conforme pode ser observado nas falas abaixo:

“Desde o ventre, com a descoberta da gravidez, criamos expectativas e já começamos a imaginar como será esse serzinho. ... e quando nos deparamos com aquele rostinho, é o amor mais puro que passamos a ter. Eles se tornam o nosso tudo. Me senti como uma leoa, pronta para defender minha cria de qualquer jeito.” (Entrevistada 05)

“Ser mãe representa ser sinônimo de amor e cuidado. É doar sem medida, é carregar dentro de si um sentimento indescritível. É me sentir viva e ser referência para alguém.” (Entrevistada 9).

A maioria das entrevistadas relatou que a maternidade contribuiu para se realizarem como mulher, como um sentimento que transcende sua existência antes da maternidade, as enchendo de possibilidades. Atribuíram sentimentos de doçura e afirmação do feminino elucidando a maternidade como uma completude para o sentido de ser mulher. Silva e Aranha (2020) destacam que cada contexto sócio-histórico traz experiências maternas distintas, conforme os diferentes significados sobre a mulher e a maternidade vão se modificando. Nesse sentido pode ser observado a partir das entrevistas que, apesar das transformações sociais acerca do papel da mulher na sociedade, a maternidade é vista e vivida como uma realização:

“A maternidade é algo único e sublime, acho que todas as mulheres deveriam vivenciar essa experiência”. (Entrevistada 4).

“...ser mãe é a realização de um grande sonho, ter uma família, o sentimento mais sublime.” (Entrevistada 2).

“Considero a maternidade um presente de Deus. É a coisa mais maravilhosa que pode acontecer na vida de uma mulher”. (Entrevistada 8).

Pode-se observar que a mulher tem adiado a maternidade para um momento de estabilidade financeira, pois assim seus âmbitos pessoais e profissionais também teriam o desenvolvimento almejado, minimizando os efeitos das múltiplas exigências que se impõem para a mulher no mercado de trabalho e da sobrecarga por elas acarretadas, conforme afirmam Lauxen e Quadrado (2018) e Mondo, Souza (2020). Desta forma, o planejamento familiar na contemporaneidade tem se tornado uma questão importante para as mulheres, pois muitas mulheres buscam se realizar não somente com a maternidade, há um desejo de uma realização mais ampla que é, por exemplo, ser produtiva no mercado de trabalho. A representação social da maternidade biologicamente naturalizada é ligada ao novo significado da mulher perante a sociedade passa a ser repensada e questionada, levando em consideração a subjetividade da

mulher como um ser que deseja para além do filho, que possui individualidade e interesses próprios (PINHEIRO, 2017).

Porém, notou-se que a maioria das entrevistadas teve seus filhos sem planejamento e mesmo assim, pode-se notar que para elas o melhor momento para ser mãe é aquele no qual estas duas condições são, pelo menos em partes, satisfeitas, pois mesmo sem o planejamento as entrevistadas relataram se sentir completas pela maternidade. Neste estudo, apenas três das entrevistadas planejaram a maternidade, porém, todas as entrevistadas apresentaram sentimentos de completude após terem filhos, corroborando com a teoria freudiana, como pode ser evidenciado nas falas abaixo:

“Sempre quis ser mãe, depois de ter meus dois primeiros e depois de uma vasectomia veio a G que tem síndrome de Down, não me arrependo em nenhum momento de ter meu sonho realizado. Ela veio completar a família.” (Entrevistada 1)

“A realização de um grande sonho, não era bens financeiros, mas o de ser mãe.”(Entrevistada 3)

“Representa um presente enviado por Deus, gerar outra vida dentro de você é uma coisa inexplicável, é um privilégio”. (Entrevistada 8)

Percebe-se através das falas dessas entrevistadas a presença de fatores socioculturais na contemporaneidade, que vincula a maternidade à mulher como uma relação de completude, algo que é esperado para o ser feminino, sendo condicionados à mulher os sentimentos de fragilidade, de amor sublime. Essa completude corrobora com a teoria de Freud (1905 – 2006). E discorda do discurso de Badinter (1985) com o seu livro sobre o Mito do Amor Materno, onde a autora ressalta que nem todas as mulheres nasceram para ser mãe. Na visão de Badinter, a maternidade gera angústia e cada mulher deve ser compreendida como um ser particular, que muitas vezes vai precisar de apoio emocional qualificado, para compreender o que ela vivencia e sente durante e após a maternidade.

4.2 A DIFERENÇA ENTRE O SONHADO E A REALIDADE

Muitas mulheres compreendem a maternidade como algo transformador, pela qual surge um amor não antes sentido, inato, incondicional, automático, que vem para afirmar sua condição de mulher (MIRANDA, 2020). A realidade é diferente do que se foi sonhado, pois ao lado da imagem do bebê angelical existem o choro sem explicação, o incômodo que não se sabe de onde vem, as noites mal dormidas e uma grande sobrecarga, como destacado por algumas entrevistadas, gerando angústia e sofrimento para as mães já esgotadas fisicamente

pelo processo da gestação, convertido agora em um esgotamento emocional, que pode chegar a desenvolvimento de depressão pós-parto, como cita Vilarinho (2019).

Neste sentido, algumas das entrevistadas trazem em suas falas a desconstrução do romantismo da maternidade. Observa-se que muitas mulheres que foram mães, sublimam as necessidades do corpo, tendo como resultado um menor tempo despendido para o cuidado com a aparência física, responsabilizando a maternidade e as responsabilidades que ela traz como o relato das falas abaixo:

“Tem mães que não estão preparadas para isso.”(Entrevistada 8).

“Costumo dizer que odeio ser mãe, mas amo muito minha filha. Mães são totalmente sobrecarregadas... há uma sobrecarga materna e ainda romantizada, como se nós mulheres nascêssemos invencíveis e fortes o bastante para aguentar qualquer coisa, inclusive criar um filho”. (Entrevistada 6).

“Nos primeiros 15 dias achei que ia enlouquecer, que não ia dar conta, não nasci para amamentar e nem para deixar minha vaidade de lado”.(Entrevistada 7).

“Não devemos fantasiar o dia a dia, não é um conto de fadas. Na realidade a criança chora, sente cólicas, você se sente incapaz de ajudá-la, dormir não faz mais parte de você.” (Entrevistada 3).

Nota-se, através das falas aqui analisadas, que a maternidade diz de uma construção singular, que não pode ser generalizada, valendo ressaltar que, muitas foram e ainda são condicionadas por fatores culturais e que, apesar dos percalços, a maternidade traz à tona os sentimentos necessários para a vinculação com os filhos e, para compreendê-los só se tornando mãe. Os fatores culturais, por sua vez, agem de forma a pressionar a mulher em relação à maternidade, dificultando a escolha individual e subjetiva de cada mulher (MENEZES *et al.*, 2012; COLARES; MARTINS,2020).

Diante do exposto, visualiza-se a necessidade de as mulheres entenderem que existe uma diferenciação entre o instinto maternal e o amor maternal que, como defendido por Badinter (1985), o instinto materno é uma construção social ao passo que o amor materno surge naturalmente no decorrer da maternidade. Desta forma, a autocobrança acerca de suas atitudes e sentimentos serão menores, auxiliando inclusive na diminuição da possibilidade do desenvolvimento de transtornos como o *Baby Blues* e/ou depressão pós-parto.

4.3 EMOÇÕES E SENTIMENTO QUE EMERGEM NA VIVÊNCIA DA MATERNIDADE

As mudanças psicológicas estão diretamente ligadas às questões emocionais relativas ao cuidado, à gravidez, ao nascimento e principalmente ao vínculo mãe/bebê. A instabilidade

emocional da mulher ocorre pela gama de sentimentos conflitantes que a levam a questionar a sua capacidade em administrá-los (SOARES, RODRIGUES, 2018; BADINTER, 1986). Ao analisar os sentimentos destacados pelas participantes, todas foram unânimes ao elencar sentimento de medo como o principal sentimento emergido na maternidade, seguido pela culpa, fadiga e baixa autoestima. Conforme os relatos, a maternidade transformou as realidades das entrevistadas de forma radical, tanto no sentido comportamental, quanto no sentido emocional, uma vez que o filho passou a ser prioridade em suas vidas. Silva, Aranha (2020) afirma que este fato é algo comum diante da maternidade.

“É uma grande mudança na rotina, passamos sustos, sentimos medo e insegurança e o sono nunca mais é o mesmo. Estamos sempre em alerta...” (Entrevistada 1).

“o puerpério é mencionado como algo simplesmente mágico, no entanto este período envolve uma mistura de sentimentos como medo, insegurança, alegria, tristeza. Posso comparar com uma montanha russa de sentimentos. (Entrevistada 7).”

“A maternidade é uma função que vem carregada de responsabilidade, de exigências e desafios a serem superados. E isso trás uma cobrança pessoal, se você está fazendo o certo, se os resultados estão sendo positivos” (Entrevistada 2

“[...] sua cirurgia pode ter os pontos estourados e dormir não faz mais parte de você, mas quando a criança sorri para você, faz tudo valer a pena e que ser mãe é uma dádiva.” (Entrevistada 3).

Na visão de Badinter (1985) a maternidade gera angústia e cada mulher deve ser compreendida como um ser particular, que vai precisar de apoio emocional qualificado para compreender sua vivência e sentimentos durante a maternidade. Desta forma, a maternidade e seus dilemas são um assunto um tanto quanto delicado, devido às questões particulares e aos diferentes significados dado por cada mulher à maternidade (VILARINHO, 2019).

Diante do exposto percebe-se que para as participantes a maternidade mudou a forma de ver e de perceber o mundo e isto se deve à responsabilidade pelo filho. As mudanças físicas, emocionais e comportamentais exemplificadas nesta pesquisa, além da percepção de uma anulação da mulher após se tornar mãe, demonstram que as necessidades da mulher não são mais prioridade. Através do olhar da psicologia é possível notar o significado dado à subjetividade após a maternidade, onde a mulher apresenta dificuldades em manter sua relação como mulher e esposa, privilegiando seu papel de mãe.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo pretendeu problematizar questões ligadas à maternidade e a subjetividade da mulher. Os depoimentos registrados aqui representam a realidade das participantes da

pesquisa que, em sua maioria, demonstram que apesar de todos os percalços advindos da maternidade, ainda se sentem realizadas enquanto mulheres. O proposto no trabalho foi falar sobre o outro lado da maternidade, ou seja, o fato de ser mãe implicar diretamente no ser mulher no mundo, porém, notou-se que apesar dos pontos dificultadores da maternidade, a doçura e a realização advinda da maternagem superam as dificuldades e implicações negativas.

As experiências relatadas demonstram que ser mãe é passar por uma vivência única, individual e particular e, mesmo que a ideia principal da pesquisa tenha sido refutada pela mesma, foi importante para demonstrar que apesar de estar no século XXI e as mulheres não poderem se dedicar inteiramente à maternidade e necessitarem dividir seu tempo com mercado de trabalho e outras obrigações além das maternas, a maternidade ainda é vivenciada como algo sublime.

Essa experiência mostrou o quanto se faz necessário desenvolver um trabalho direcionado às mulheres que estão no puerpério, pois elas se mostraram com anseio de falar sobre seus sentimentos e questionamentos sobre como ser mãe e as mudanças que a maternidade traz à mulher e à sua vida. Acerca do modo como a entrevista foi feita, à distância, elas pontuaram que o fato de ter sido entrevistada de forma *on-line* foi positivo por não precisarem se deslocar e também pelo fato de poderem ficar com seus bebês. Ou seja, relataram que não se sentiram pressionadas por precisarem colocar alguém para cuidar. Este fato reforça a importância de uma rede de apoio a essa mãe que nasce.

Este estudo se limitou a conhecer como as mulheres vivenciam a maternidade e como ela afeta sua subjetividade. Cada mulher percebe a maternidade de modo diferente e tem sobre as mesmas, convicções que vão se assemelhar ou não com outras mulheres, o que motiva novas pesquisas sobre a temática. Assim, para futuros estudos, sugere novas pesquisas em torno do tema, com faixas etárias, perfis e universos distintos, e ainda incorporando novas vivências com mães que optaram pela maternidade pelas vias da adoção. Acredita-se que uma experiência como essa trará novas percepções sobre a maternidade e a subjetividade da mulher.

REFERÊNCIAS

BADINTER, E. **Um amor conquistado: O Mito do Amor Materno**. Tradução de Waltensi Dutra - Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1985.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011. Acesso em: 10 abr. 2020.

BERLINCK, M. T. As bases do amor materno, fundamento da melancolia. **Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 17, n3, p. 403-406, set. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142014000300403&Ing=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 de mai. 2020.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica e o artigo científico como forma de comunicação. **Ver. Odontol.UniV**. São Paulo, S P,v. 18, n. 3, p. 265- 274, 2006. Disponível em: < <https://biblat.unam.mx/pt/revista/revista-de-odontologia-da-universidade-cidade-de-sao-paulo/articulo/metodologia-da-pesquisa-bibliografica-na-area-odontologica-e-o-artigo-cientifico-como-forma-de-comunicacao>>. Acesso em: 29 de mai. 2020.

BRUM, E. H. M. Depressão pós-parto: discutindo o critério temporal do Diagnóstico. *Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento*, São Paulo, v.17, n. 2, p. 92-100, 2017. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpdd/v17n2/v17n2a09.pdf>>. Acessado em: 20 de out. 2020.

COLARES, C. S. S.; MARTINS, R. P. M.. Maternidade: Uma construção social além do desejo. **Revista de Iniciação Científica da Universidade Vale do Rio Verde**, Três Corações, v. 6, n. 1, 2016, p. 42-47. Disponível em: <<http://revistas.unicoe,BR/index.php/iniciacaocientifica/article/view/2654/2290>>. Acesso em: 05, out. de 2020.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a sexualidade** (1905).In: Freud's. *Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro, Imago, 2006, v.7.

GIL, A.C. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4^a.ed.,2002. São Paulo: Atlas S/A.

GILBERT, G. N. Being interview: a role analysis. **Social Science Information**, London, Beverly Hills, V. !9,n. 2, p. 227-236, 1980.

GUTMAN, L. **A Maternidade e o encontro com a própria sombra**/15 ed. Rio de Janiero, RJ: BestSeller, 2019

LAUXEN, J.; QUADRADO, R. P. Maternidade sem romantismos: alguns olhares sobre as maternidades e os sujeitos-mãe na contemporaneidade. *Revista Latino Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, vol.4. Mai, 2018. Disponível em: <<http://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/775/426>>. Acesso em: 05 de out. 2020.

MARCONI, M. A.; LACATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 7^a Ed, 2010.

MARTINS, M. C. A.; CARVALHO, A. C. G. Detecção de indícios de depressão pós-parto: o papel da equipe de saúde na estratégia saúde da família, **Revista Interdisciplinar Pensamento Científico**, v. 5, n. 5, 24 de maio de 2017. Disponível em: <<http://www.reinpec.org/reinpec/index.php/reinpec/article/view/438>>. Acesso em: 05 de jul. 2020.

- MENEZES, R. S.; SANTOS, T. T.; VELOSO, N. O.; FREITAS, V. N.; SANTOS, M. S. RAHIM, M. A. A. Maternidade, trabalho e formação; lidando com a necessidade de deixar os filhos. **Constr. psicopedag.**, São Paulo, V 20, n. 21, pág 23-47, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/sielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542012000200003&lng=pt&=nrm=iso>. Acesso em: 05 de out. 2020.
- MIRANDA, C. R. A (des)romantização da maternidade: considerações argumentativas em torno da construção do feminino. **Caminhos em Linguística Aplicada**, Taubaté, SP v. 23 n. 2 p. 100-123 2o sem. 2020. Disponível em: <<http://periodicos.unitau.br/ojs/index.php/caminhoslinguistica/article/view/3028>>. Acesso em: 05 de out. 2020.
- MONDO, F. S.; SOUZA, R. C. F.. Ser mãe: as expectativas para o exercício da maternidade. **RIUNI**, 2020. Disponível em: <<http://www.riuni.unisul.br/handle/12345/10276>>. Acesso em: 05 de out. 2020.
- MOREIRA, C. C. Fique alerta quando ...O amor materno é posto em questão. **Revista Pediatria Mod**; 45. 2 mar – abr 2009. Lilacs. ID. Lil- 518484.Br 12.1..
- NADER, M. **Os Filhos da Mãe Como Viver a Maternidade sem Culpa e sem o Mito da Perfeição**. Ed. Casa da palavra, 2016.
- NOGUEIRA, C. Feminismo e discurso do gênero na psicologia social. **Psicologia & Sociedade**: Revista da Associação Brasileira de Psicologia Social, 2001. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/Qhandle/1822/4117>>. Acesso em: 10 de mai. 2020.
- PINHEIRO, V. S. As mães e a ética do cuidado pessoal. In: **Doses filosóficas**, 2017. Disponível em: <<http://pontocriticonet.br/as-maes-e-a-etica-do-cuidado-pessoa>>. Acesso em: 21 de Maio de 2020.
- POSTER, M. Modelos de Estrutura da Família. In: **Teoria Crítica da Família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- PRODANOV, C. C, **Metodologia do trabalho científico**; métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico – 2ª Ed. Novo Hamburgo: Fev, 2013
- RAUTER, C. **Mulher**: Reflexões Psicopolíticas. In: POIAN, Carmen da (Org.). **Homem Mulher**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. Cap. 7, p. 185-224.
- ROSSEAU, J. J. **Rosseau e as relações internacionais**. Ed. UnB , São Paulo, 2003.
- SOUZA, B. M. S.; SOUZA, S. F.; RODRIGUES, R. T. S. O puerpério e a mulher contemporânea: uma investigação sobre a vivência e os impactos da autonomia. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 166-184, jun. 2013. São Paulo, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/sielo.php?script=sci_arttext&pid=>. Acesso em: 14 de out. 2020.
- SCHNEIDER, R. **Imagens simbólicas da maternidade a partir de mães youtubers**. Tese (Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Escola de Comunicação, Artes e Design) - Famecos da Pontifícia Universidade Católica do Rio

Grande do Sul (PUCRS). 196 p Porto Alegre. 2020. Disponível em:
<[http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/16631/1/000498200-
Texto%2Bcompleto-0.pdf](http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/16631/1/000498200-Texto%2Bcompleto-0.pdf)> . Acesso em: 14 de out. 2020.

SILVA, J.; ARANHA; M. F. **Pode uma mãe não gostar de ser mãe?** : as controvérsias acerca do feminino. Editora Appris, 2020. Ebook. Disponível em:
<[https://www.worldcat.org/title/pode-uma-mae-nao-gostar-de-ser-mae-as-controversias-
acerca-do-feminino/oclc/1176514698&referer=brief_results](https://www.worldcat.org/title/pode-uma-mae-nao-gostar-de-ser-mae-as-controversias-acerca-do-feminino/oclc/1176514698&referer=brief_results)>. Acesso em: 30 de jun. 2020

SOARES, M. L.; RODRIGUES, M. M. GUIMARAES. A percepção das puérperas acerca da depressão pós-parto. **Com. Ciências Saúde**.v. 29, n.2, p.:113-125. 2018. Disponível em:
<http://www.escs.edu.br/revistaccs/index.php/comunicacaoemcienciasdasaude/article/view/260>. Acesso em: 30 de jun. 2020

STRAPASSON, M.; NEDEL, M. N. B. Puerpério imediato: desvendando o significado da maternidade. **Rev. Gaúcha Enferm.** 2010, vol. 31, n.3, PP. 521-528.ISSN 1983 -1447. Disponível em: <<http://doi.org/10.1590/S1983-14472010000300016>>. Acesso em: 10 de mai. 2020.

VILARINHO, T. **Mãe recém-nascida**. São Paulo: Buzz Editora, 2019.294p.